

EXPERIÊNCIA DOS EXTENSIONISTAS: DIAGNÓSTICO DAS NECESSIDADES DE EDUCAÇÃO EM SAÚDE SOBRE INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS

EXTENSIONIST EXPERIENCE: DIAGNOSIS OF HEALTH EDUCATION NEEDS FOR SEXUALLY TRANSMITTED INFECTIONS

Paulo Henrique Alves Monteiro de Oliveira 1
Layne Pereira Brito 2
Elayne Carolyne Torres Pereira 3
Baruc de Castro 4
Fernanda Maria Fernandes do Carmo Lemos 5
Ulisses Vilela Hipólito 6
Mirian Cristina dos Santos Almeida 7
Nayane de Sousa Silva Santos 8

Graduando de enfermagem, Universidade Federal do Tocantins. 1
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6814513164104332>.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6533-0658>.
E-mail: paulo.alves@uft.edu.br

Graduanda de enfermagem, Universidade Federal do Tocantins. 2
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1604182439359557>.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0164-0301>.
E-mail: laynebrito55@gmail.com

Graduanda de enfermagem, Universidade Federal do Tocantins. 3
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3746030560613026>.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3340-2412>.
E-mail: elaynelhpereira@gmail.com

Graduando de Enfermagem, Universidade Federal do Tocantins. 4
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4916875779696040>.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5819-9284>.
E-mail: baruccastro33@gmail.com

Doutoranda em biotecnologia, Universidade Federal do Tocantins. 5
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1527440792231319>.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0406-1535>.
E-mail: fernandamaria@uft.edu.br

Doutor em ciências, Universidade Federal do Tocantins. Lattes: 6
<http://lattes.cnpq.br/7074431321811213>.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0353-6479>.
E-mail: hipolitouv@uft.edu.br

Doutora em ciências, Universidade Federal do Tocantins. Lattes: 7
<http://lattes.cnpq.br/6955033142003588>.
ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-9178-1345>.
E-mail: mirian.almeida@uft.edu.br

Doutoranda em Ginecologia e Obstetrícia, Universidade Federal do 8
Tocantins.
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6024051890876123>.
ORCID: <http://orcid.org/0000.0002-1668-5505>.
E-mail: nayanesantos@uft.edu.br

Resumo: O presente artigo visa relatar a experiência dos extensionistas no diagnóstico das necessidades de educação em saúde sobre infecções sexualmente transmissíveis (IST) de estudantes de duas instituições públicas de Ensino. O trabalho foi desenvolvido por graduandos da Universidade Federal do Tocantins (UFT), que participam do projeto de extensão Sexualidade Responsável. Os dados foram obtidos através da aplicação de questionários que buscavam os conhecimentos dos estudantes sobre tipos de IST, formas de prevenção, transmissão e prática sexual protegida. Os resultados mostram que o HIV é a IST mais conhecida pelos estudantes e que o uso de preservativo masculino o método de prevenção mais utilizado. Entretanto a utilização de vacinas e a Profilaxia Pós Exposição como formas de prevenção, foram pouco citadas. Os dados evidenciam que existe deficiência no conhecimento sobre IST na população assistida, demonstrando ser um cenário que necessita de intervenções educativas.

Palavras-chave: Educação em Saúde. Promoção da Saúde. Infecção Sexualmente Transmissível.

Abstract: This article aims to report the experience of extension workers in diagnosing health education needs on sexually transmitted infections (STI) of students from two public education institutions. The work was developed by undergraduate students from the Federal University of Tocantins (UFT), who participate in the Responsible Sexuality extension project. Data were obtained through the application of questionnaires that sought the students' knowledge about types of STIs, ways of prevention, transmission and protected sexual practice. The results show that HIV is the most known STI by students and that the use of male condoms is the most used prevention method. However, the use of vaccines and Post Exposure Prophylaxis as forms of prevention were rarely mentioned. The data show that there is a lack of knowledge about STIs in the assisted population, demonstrating that it is a scenario that needs educational interventions.

Keywords: Health Education. Health Promotion. Sexually Transmitted Infection.

Introdução

As transformações sociais e a liquidez dos relacionamentos têm impactado diretamente na mentalidade de jovens e adultos em relação ao comportamento sexual. Zygmunt Bauman (2003) aponta que relacionar traz incertezas como caminhar em uma neblina, desta forma muitos se lançam em relacionamentos passageiros, vivenciando substituição constante do parceiro. Este cenário se mostra desafiador para trabalhar assuntos relacionados a educação sexual que tem por primícias promover o bem-estar, o respeito pelos direitos humanos, a igualdade de gênero, bem como capacitar crianças e jovens a uma vida saudável, segura e produtiva (UNESCO, 2018).

Segundo o Ministério da Saúde (BRASIL, 2009) a educação em saúde objetiva capacitar os indivíduos com intuito de controlarem e agirem sobre seus próprios determinantes de saúde. A educação em saúde pode auxiliar os indivíduos a obterem informações sobre as práticas sexuais desprotegidas, bem como ajudar nas lacunas em que há falta de comunicação, permanência de tabus, medo e expressão da sexualidade (ALMEIDA et al., 2017).

Em uma sociedade líquida e com relações cada vez mais superficiais percebe-se que as pessoas têm iniciado a sexarca cada vez mais cedo. Conseqüentemente, quanto antes inicia-se sexualmente, mais vulnerável estará a ter maior número de parceiros sexuais, bem como mais gestações em sua vida reprodutiva. Portanto, a iniciação sexual precoce repercute negativamente sobre estas variáveis (MARANHÃO et al., 2017).

Faz-se necessário um olhar atento para um cenário em que a preocupação em saúde não circunda apenas as gestações não planejadas, mas também, o estado epidemiológico, onde milhões de pessoas adquirem infecções sexuais devido ao sexo desprotegido. Dentre as infecções sexuais o HIV continua sendo um problema de grande magnitude referente a saúde pública global. Segundo a Organização Mundial da Saúde (WHO, 2020), estima-se que, até o final de 2019, haviam 38 milhões de pessoas vivendo com HIV, no mundo. Em 2018, de acordo com os dados do Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN), foram notificados 43.941 casos de infecção pelo HIV, no Brasil (BRASIL, 2019).

As Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST) são agravos causados por bactérias, vírus ou outros microrganismos, que podem ser transmitidos, principalmente, por contato sexual sem o uso de preservativo masculino ou feminino, por uma pessoa que esteja infectada. Se não tratadas da maneira adequada, podem levar a diversas complicações, inclusive, à morte (BRASIL, 2020c).

Outra IST de magnitude importante é a sífilis. Há alguns anos esteve sob controle, mas a partir da última década vem aumentando progressivamente, inclusive com aumento significativo nos casos de sífilis congênita. A Organização Mundial da Saúde (WHO, 2020) afirma que a sífilis é uma das IST mais comuns no mundo, com cerca de 6,3 milhões de novos casos por ano e, segundo a estimativa publicada em 2019, no ano de 2016 houve 661.000 casos de sífilis congênita (KORENROMP et al., 2019).

Segundo dados da Secretaria de Vigilância em Saúde, no Brasil em 2018 foram registrados 158.051 casos novos de Sífilis, enquanto os novos casos de Hepatite B e C foram de 13.922 e 26.167, respectivamente (BRASIL, 2020a, 2020b).

Nesse cenário de aumento das IST a população de jovens e adolescentes ainda é considerada vulnerável. Ademais, outros grupos são elencados como vulneráveis, como população em situação de rua, usuários de drogas lícitas e ilícitas, pessoas privadas de liberdade, entre outros (WHO, 2016).

Apesar da sexualidade ainda ser carregada por estigmas, é papel das equipes de profissionais da saúde, principalmente da atenção primária, promover ações de saúde sexual, uma vez que estas estão mais próximas e conhecem a realidade dos usuários (BRASIL, 2013).

Nesse sentido, o projeto de extensão Sexualidade Responsável, desenvolvido por graduandos e professores do curso de enfermagem da Universidade Federal do Tocantins (UFT) surgiu com intuito de realizar ações de educação em saúde e testagem rápida para IST, com aconselhamento pré e pós teste, objetivando facilitar o acesso da população jovem estudante à informação, visando a promoção à saúde.

O projeto está em consonância às diretrizes da OMS (WHO, 2005) que enfatiza que

qualquer atividade sexual que reduz o risco de transmitir IST de uma pessoa a outra, configura sexo seguro. Nessa linha, os extensionistas têm trabalhado levando conhecimento para que os jovens sejam capazes de tomarem decisões sobre o sexo seguro, cuidando de si e do parceiro (a) ao se envolver sexualmente. Acerca desta temática, o Ministério da Saúde (BRASIL, 2017) pontua que a prática do sexo seguro envolve não só o uso do preservativo, como também, a imunização contra as IST imunopreveníveis, a testagem regular para IST, entre outras medidas de prevenção.

Para isso, o caminho percorrido tem sido o da pedagogia da autonomia em permitir que educandos e educadores obtenham um caminho de construção do conhecimento. Ressalta-se, a importância desse jovem assumir suas decisões frente ao sexo seguro, com exercício de sua autonomia em que se faz necessário um equilíbrio entre autoridade e liberdade. O profissional de saúde assume o papel de educador/autoridade e o jovem por outro lado faz uso de sua liberdade, que não pode virar licenciosidade. Para que haja uma nova mentalidade para os cuidados em saúde e redução das IST acredita-se que é preciso “respeito de uma pela outra (*autoridade e liberdade*), expresso na assunção que ambas fazem de limites que não podem ser transgredidos” (Freire, 2002, p. 54). Ainda para Freire a decisão é um processo responsável que precisa ser vivenciada pelo jovem. Do outro lado têm-se o profissional de saúde que assume a tarefa pedagógica por um espaço de solidariedade, acolhimento, ética.

Assim, como se trata de um projeto de extensão com atividades contínuas, há necessidade de conhecer e compreender a realidade sexual dos jovens estudantes e a partir do que eles trazem, realizar atividades educativas que contemplem a real necessidade desse grupo, contribuindo para autonomia destes no processo de decisão sobre sua sexualidade.

Portanto, o artigo em questão visa relatar a experiência dos extensionistas no diagnóstico das necessidades de educação em saúde sobre IST de estudantes de duas Instituições Públicas de Ensino.

Metodologia

Trata-se de estudo descritivo, do tipo relato de experiência relacionado à identificação das necessidades de educação em saúde sobre sexualidade entre estudantes, em ações de extensão do Projeto Sexualidade Responsável.

O Projeto iniciou suas atividades em outubro de 2018, e com o apoio da Secretaria de Saúde Municipal e Estadual desenvolve ações em espaços públicos e em instituições de ensino, incluindo treinamento dos extensionistas para realização de aconselhamento e testagem rápida para IST, grupos de orientação sobre prevenção de IST, testagem rápida para Hepatites B e C, Sífilis e HIV e dispensação gratuita de preservativos e gel lubrificante nos banheiros de instituições de ensino.

Para este estudo utilizou-se dados de duas ações de testagem rápida e educação em saúde sobre IST, realizadas entre o mês de setembro e outubro de 2019, sendo uma em instituição pública de educação superior, básico e profissional com 30 participantes e outra em instituição pública estadual de ensino superior com 70 participantes. Antes das ações foram aplicados um questionário aberto contendo indagações sobre sexo, idade, conhecimento sobre tipos de IST, formas de prevenção e transmissão, prática sexual protegida, fontes de informação sobre sexualidade, diálogo sobre sexualidade com a família e conhecimento sobre a profilaxia pós exposição (PEP).

Seguindo os preceitos éticos da Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde, os participantes foram convidados a responder as questões antes do início das ações, na forma de inquérito, resguardando a identidade, sendo informados da não obrigatoriedade, do sigilo das respostas, e que o instrumento auxiliaria na elaboração das atividades de educação em saúde sexual.

O reconhecimento do cenário e vivências dos estudantes permite um encontro dialógico, minimizando preconceitos, buscando atender as necessidades de educação sexual dos participantes. O método da problematização permite que educandos e educadores obtenham um caminho de construção do conhecimento.

Resultados

Dos cem (100) estudantes que responderam ao questionário, 32 são do sexo feminino, 51 do masculino e 17 não informaram. A idade média dos participantes foi de 20 anos, sendo a idade mínima de 15 anos e a máxima de 42.

Quando questionados sobre as IST que conhecem, destacou-se o HIV/AIDS com 86 respostas, seguido da Sífilis com 73 e Gonorréia com 42. Herpes e Hepatite tiveram respectivamente 36 e 31 respostas. Apenas 11 participantes citaram o HPV e 7 a Clamídea e a Tricomoníase respectivamente; 07 pessoas não responderam.

Sobre as formas de prevenção das IST, 90 estudantes apontaram o preservativo masculino, 5 a abstinência sexual e 5 referiram métodos contraceptivos orais e injetáveis como preventivos de IST. A vacina contra papilomavirus humano (HPV), a Profilaxia pré-exposição (Prep) e a Profilaxia Pós Exposição (PEP), foram citados por dois participantes e o não compartilhamento de objetos perfurocortantes como lâmina de barbear, agulhas, alicates foi citado apenas por 01.

Em relação ao modo de transmissão das IST, identificou-se que 81 estudantes afirmaram ser por contato sexual, sendo este especificado por 9 estudantes como troca de fluidos corporais e 2 como sexo oral, anal e vaginal respectivamente; 35 referiram transmissão pelo sangue/transusão, 12 por objetos cortantes e 5 por transmissão vertical. A saliva, o beijo, lágrimas e o compartilhamento de objetos de higiene pessoal também foi apontado em menor proporção por alguns participantes.

Sobre a prática sexual sem o uso do preservativo, 61 estudantes referiram que realizariam e 38 afirmaram que não. As situações relatadas em que manteriam atividade sexual sem preservativo foram: em um “relacionamento/namoro sério” (30); para ter um filho (11); após o casamento, com o cônjuge (9); após realização de exames prévios de ambos (5); com uso de anticoncepcional (3); por “esquecimento” (1) e; por prazer (1).

Quanto às fontes de informação sobre a sexualidade 80 estudantes apontaram a internet, 14 escola/professores, 9 pais e familiares, 12 colegas e amigos, 12 profissionais da saúde, 7 canais oficiais e panfletos, 6 livros, 5 televisão e 2 artigos científicos.

Sobre o início da sexarca, dos 100 participantes, 82 já haviam iniciado a vida sexual. A idade mínima de início foi de 13 anos e a máxima de 23 anos. Dos que iniciaram a vida sexual, 65 referiram ter utilizado preservativo na primeira relação, outros 16 não usaram e 1 pessoa não respondeu.

Sobre ao uso de preservativos nas relações sexuais, 42 referiram utilizar em todas as relações, 25 às vezes, 12 informaram usar apenas quando não conhece o(a) parceiro(a), 2 afirmaram não utilizar e 1 não respondeu. O número de parceiros sexuais entre os participantes sexualmente ativos variou de 1 a 152, com média de 5 parceiros (desvio padrão 18,38). Quanto ao rompimento do preservativo ou sexo sem proteção, 52 estudantes responderam que sabem como proceder preventivamente, 41 não sabem e 7 não informaram.

Discussão

Embora os estudantes tenham demonstrado pouco conhecimento sobre os tipos de IST, o HIV/AIDS foi o mais mencionado pela maioria. Os estudos evidenciam que os jovens, em especial, têm algum conhecimento a respeito de IST e sua prevenção. Cruz et al. (2018) concluiu que mais da metade do seu público relatou conhecer uma média de cinco a seis IST, evidenciando um bom nível de conhecimento. Outra pesquisa, desta vez, realizada com um público universitário na área de saúde, também encontrou um resultado semelhante. No estudo realizado por Sales et al. (2016) o conhecimento sobre AIDS, herpes, hepatites, HPV e sífilis foi relatado por mais de 80% da amostra de estudantes.

Sobre o conhecimento das formas de prevenção das IST, o uso do preservativo masculino é amplamente estimulado nos discursos midiáticos, tanto pelo Ministério da Saúde, quanto pela iniciativa privada. A partir do quantitativo dos jovens que elencaram, majoritariamente este, como uma forma de prevenção, é possível inferir a influência desses discursos sobre os resultados encontrados. Por outro lado, 5 jovens citaram os métodos contraceptivos (oral e injetável) como formas de prevenção, evidenciando uma lacuna quanto a este conhecimento.

Dados similares foram encontrados em estudo realizado com 1.228 estudantes sicilianos, onde 26% relataram que a pílula anticoncepcional previne contra IST (VISALLI et al., 2019). É substancial explicar que apenas o método de barreira, como o preservativo feminino e masculino, constitui os únicos que promovem tanto o planejamento reprodutivo, quanto a proteção contra a transmissão de IST (BRASIL, 2013).

Ademais, a literatura elucida que o conhecimento acerca das IST ainda é insuficiente (SPINDOLA et al., 2019; PROVENZANO et al., 2020; VISALLI et al., 2019). Este cenário evidencia a necessidade de ações que extrapolam a finalidade de rastreamento, e contemple a educação em saúde, bem como a incorporação de discussões sobre sexualidade no ambiente escolar.

A respeito do conhecimento sobre a PrEP (Profilaxia pré-exposição) verifica-se que ainda é pouco difundida entre os estudantes. De acordo com o Ministério da Saúde se trata do uso de medicamentos de forma preventiva ao HIV antes da exposição, buscando minimizar a possibilidade de contaminação pelo vírus. Atualmente, o uso da PrEP é restrito a públicos prioritários, aqueles que concentram os maiores números de casos de HIV no país (BRASIL, 2018a).

O conhecimento sobre a PEP (Profilaxia pós-exposição) foi mencionado por apenas 2 participantes. Em controvérsia, 52 estudantes responderam que sabem como proceder preventivamente no caso de rompimento do preservativo ou prática sexual desprotegida, porém sem indicar como agiriam, demonstrando possível falha no conhecimento sobre como agir nesse caso de exposição ao risco de contrair IST. Estudo de Fernández-Balbuena et al. (2013) realizado na Espanha com 2545 voluntários, aponta que apenas 22% conheciam a profilaxia pós exposição. Contudo verifica-se a necessidade de difundir o conhecimento sobre a PEP, visto que se configura uma importante ferramenta na prevenção do HIV, onde a pessoa pode fazer uso de medicamentos antiretrovirais, após o contato desprotegido (consentido ou não) com início até 72 horas após a exposição, durante 28 dias (BRASIL, 2018b).

A associação do HPV à IST se mostrou pouco conhecida entre os estudantes, bem como a prevenção por meio da imunização. Em estudo realizado por Abreu e colaboradores (2018) sobre o conhecimento e a prevenção do HPV por indivíduos acima de 18 anos, menos da metade dos participantes afirmaram saber da existência da vacina contra o HPV. Osis, Duarte e Sousa (2014) em pesquisa com 432 indivíduos, encontraram que menos de 9% manifestaram conhecimento sobre a vacina do HPV. Assim, verifica-se a importância de intervenção educativa sobre os tipos de IST's, elucidando que a imunização é uma das formas de prevenção do HPV e da Hepatite B.

Sabe-se que o “melhor método de prevenção é aquele que o indivíduo escolhe e que atende suas necessidades sexuais e de proteção” e que “nenhuma intervenção de prevenção isolada é suficiente para reduzir novas infecções” (BRASIL, 2018b. p.17). Assim a prevenção combinada associa diferentes métodos de prevenção às IST, que podem ser utilizadas ao mesmo tempo ou em sequência ou de forma isolada, de acordo com características ou realidade de cada pessoa. Os métodos que podem ser combinados são: testagem regular para as IST, prevenção da transmissão vertical, uso do preservativo vaginal, peniano e gel lubrificante, imunização para Hepatite B (HBV) e HPV, redução de danos, tratamento as ISTs, PEP e PrEP. Considera-se o método mais adequado aquele que a pessoa escolhe, com o auxílio de um profissional da saúde, e que atenda às suas necessidades e realidade (BRASIL, 2017).

Considerando que literatura aponta diferentes níveis de conhecimentos sobre IST e suas formas de transmissão (Carvalho et al., 2018; Carleto et al., 2010; Santos, et al., 2017) é iminente a necessidade de identificação das demandas de cada população antes da realização dos grupos de educação sexual, visando uma aprendizagem significativa de acordo com as necessidades de cada grupo, buscando empoderar os estudantes para tomada de decisão responsável e consciente frente à prática sexual e conseqüentemente minimizar a vulnerabilidade às ISTs.

Sobre a prática sexual protegida pelo uso de preservativos, dados da pesquisa de Nunes et al. (2017) com 105 indivíduos, encontrou que apenas 38,3% relataram uso regular em todas as relações sexuais, mostrando a baixa adesão. O estudo de Freitas et al. (2019) realizado em uma universidade pública do Norte do Brasil mostra que entre os entrevistados 40,6% afirmaram fazer uso do preservativo em todas as últimas 5 relações sexuais e 24,4% não usaram nenhuma vez; encontraram ainda que, quanto maior a idade, menor adesão ao uso do preser-

vativo, podendo advir da confiança em um parceiro fixo, da influência da bebida alcoólica e da crença da perda do prazer.

A autonomia em decidir sobre a própria sexualidade de forma responsável, está relacionada ao conhecimento adquirido. Este conhecimento deve ser construído a partir de fontes confiáveis de informações, com embasamento científico. Entre os estudantes que participaram das ações de extensão, verificou-se que a maior parte das informações são adquiridas na internet e que a participação de professores, profissionais de saúde e pais/familiares é bem tímida. Outro estudo encontrou que 34,1% dos estudantes do 3º ano do ensino médio afirmam que a principal fonte de informação advém da mãe/pai e 14,8% apontaram a internet, 6,5% afirmam não conversar com ninguém sobre o assunto. Um grande número de alunos declarou que deveria haver mais aulas sobre sexualidade na escola (CRUZ et al., 2018).

No que concerne ao comportamento sexual, no presente estudo 82 já haviam realizado o primeiro intercurso sexual, sendo que destes, 65 utilizaram o preservativo sob tal circunstância, sendo a média de idade da sexarca de 16 anos. Spindola et al., (2019), identificaram em pesquisa com 255 universitários no Rio de Janeiro, que o percentual dos sexualmente ativos foi de 194 (76,08%), com a média de idade na sexarca de 17 anos, e o uso do preservativo, sob estes termos, foi de 138 (71,13 %). Em Palermo, na Itália, a média foi de 16,75 anos, entre os 405 universitários entrevistados. Neste mesmo estudo, a média de parceiros sexuais foi de 3,3, enquanto os achados do projeto de extensão revelam uma média superior (5) (PROVENZANO et al., 2020). E desse modo, foi possível notar verossimilhança de alguns resultados com literatura.

Considerações Finais

A experiência dos extensionistas do Projeto Sexualidade Responsável no diagnóstico das necessidades de educação em saúde sobre IST realizada com 100 estudantes de duas instituições públicas de ensino proporcionou a oportunidade de constatar que existe deficiência no conhecimento sobre IST na população assistida, demonstrando ser um cenário que necessita de intervenções educativas no intuito de empoderar os atores no seu processo de tomada de decisão em relação à sua sexualidade, pautada no conhecimento.

A idade média dos estudantes foi de 20 anos. As ISTs mais conhecidas foram HIV/AIDS, Sífilis e Gonorréia. Sobre as formas de prevenção das IST a maioria indicou o preservativo, porém houve afirmação de métodos contraceptivos orais e injetáveis como preventivos de IST. Poucos participantes afirmaram conhecer sobre as vacinas disponíveis para prevenção de HPV, a Profilaxia pré-exposição (Prep) e a Profilaxia Pós Exposição (PEP). Vale ressaltar que as formas de transmissão por sexo anal, oral e fluidos corporais foram pouco citados pelos estudantes, assim como a transmissão vertical.

Mesmo com ampla divulgação em meios de comunicação sobre a prevenção das IST, mais da metade dos estudantes relataram que teriam relação sexual sem preservativo, embora, com diferentes razões para tal decisão. O predomínio por confiar na pessoa em que está relacionando no momento e que pessoas conhecidas não possuem ISTs, ainda envolve muitos jovens nessa entrega, colocando-os na zona de perigo e exposição.

Entre os estudantes foi possível constatar que a sexarca ocorreu a partir dos 13 anos (média 16 anos), que cerca de 20% não usaram preservativo na primeira relação sexual e que ao longo do intercurso sexual apresentaram uma média de 5 parceiros sexuais. Menos da metade dos estudantes com vida sexual ativa usam preservativo em todas as relações sexuais, ou seja, esses jovens continuam em uma situação de exposição ao processo de adoecimento e também como potencial fonte de contágio para outras pessoas. As fontes de informação sobre a sexualidade mais utilizada é a internet; escola/professores, profissionais de saúde, pais e familiares foram apontados por menos de 15% dos estudantes, demonstrando que faz-se necessário avançar mais nessa aproximação, interagindo e proporcionando espaços para orientações.

Contudo, a realização do diagnóstico antes das atividades educativas relacionadas a sexualidade se faz necessário em cada cenário a ser desenvolvido, usando estratégias com abordagem dialógica, interacionista para que os estudantes possam encontrar um ambiente

propício para o aprendizado significativo, que os levem a refletir sobre suas práticas sexuais aumentando sua autonomia em escolher por um viver o sexo com segurança, solidez e respeito a si próprio e ao outro.

Somente com um conhecimento que questiona as práticas, os pensamentos mágicos de que isso “não acontece comigo” é possível desconstruir e construir, e auxiliar essa população jovem a descobrir a importância de si mesmo e do outro para obtenção de vínculos afetivos que resguarde a saúde biopsicossocial de todos envolvidos na experiência sexual.

Referências

ABREU, M.N.S.; SOARES, A.D.; RAMOS, D.A.O.; SOARES, F.V.; NUNES FILHO, G.; VALADÃO, A.F.; MOTTA, P.G. Conhecimento e percepção sobre o HPV na população com mais de 18 anos da cidade de Ipatinga, MG, Brasil. *Ciênc. saúde coletiva*, Rio de Janeiro, v. 23, n. 3, p. 849-860, Mar. 2018. <https://doi.org/10.1590/1413-81232018233.00102016>.

ALMEIDA, R.A.A.S.; CORRÊA, R.G.C.F.; ROLIM, I.L.T.P.; HORA, J.M.; LINARD, A.G.; COUTINHO, N.P.S.; OLIVEIRA, P.S. Conhecimento de adolescentes relacionados às doenças sexualmente transmissíveis e gravidez. *Rev. Bras. Enferm.*, Brasília, v.70, n.5, p.1033-1039, 2017. <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2016-0531>

FERNÁNDEZ-BALBUENA, S.; BELZA, M.J.; CASTILLA, J.; HOYOS, J.; ROSALES-STATKUS, M.E.; SÁNCHEZ, R.; DE LA FUENTE, L. Awareness and use of nonoccupational HIV post-exposure prophylaxis among people receiving rapid HIV testing in Spain. *HIV Medicine*, p 252-257, 2013. <https://doi.org/10.1111/j.1468-1293.2012.01056.x>

BAUMAN, Z. *Amor líquido*. Sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Zahar, 2004. BRASIL. Ministério da Saúde. *Boletim Epidemiológico: HIV/AIDS 2019*. Brasília: Ministério da Saúde, 2019. Disponível em: <https://www.saude.gov.br/images/pdf/2019/novembro/29/Boletim-Ist-Aids-2019-especial-web.pdf>. Acesso em: 09 de set. 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. *Glossário temático: gestão do trabalho e da educação na saúde*. Brasília: Ministério da Saúde, 2009. Disponível em: http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/glossario_srgtes.pdf. Acesso em 23 de set. 2020.

BRASIL^a. Ministério da Saúde. *Indicadores e dados básicos das hepatites nos municípios brasileiros*. Disponível em: <http://indicadoreshepatites.aids.gov.br/>. Acesso em: 13 de maio de 2020.

BRASIL^b. Ministério da Saúde. *Indicadores e dados básicos da sífilis nos municípios brasileiros*. Disponível em: <http://indicadoressifilis.aids.gov.br/>. Acesso em: 22 de Maio de 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. *Prevenção Combinada do HIV/Bases conceituais para profissionais, trabalhadores(as) e gestores(as) de saúde*. Brasília: Ministério da Saúde, 2017. Disponível em: <http://www.aids.gov.br/pt-br/pub/2017/prevencao-combinada-do-hiv-bases-conceituais-para-profissionais-trabalhadores-as-e-gestores>. Acesso em: 09 de set. 2020.

BRASIL^a. Ministério da Saúde. *Protocolo Clínico e Diretrizes Terapêuticas para Profilaxia Pré-Exposição (PrEP) de Risco à Infecção pelo HIV*. Brasília: Ministério da Saúde, 2018. Disponível em: http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/protocolo_clinico_diretrizes_terapeuticas_profilaxia_pre_exposicao_risco_infeccao_hiv.pdf. Acesso em: 09 de set. 2020.

BRASIL^c. Ministério da Saúde. *Protocolo Clínico e Diretrizes Terapêuticas para Atenção Integral às Pessoas com Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST)*. Brasília: Ministério da Saúde, 2020. Disponível em: <http://www.aids.gov.br/pt-br/pub/2015/protocolo-clinico-e-diretrizes->

-terapeuticas-para-atencao-integral-pessoas-com-infeccoes. Acesso em: 19 de setembro de 2020.

BRASIL^b. Ministério da Saúde. **Protocolo Clínico e Diretrizes Terapêuticas para Profilaxia Pós Exposição (PEP) de Risco à Infecção pelo HIV, IST e Hepatites Virais**. Brasília : Ministério da Saúde, 2018. Disponível em: <http://www.aids.gov.br/pt-br/pub/2015/protocolo-clinico-e-diretrizes-terapeuticas-para-profilaxia-pos-exposicao-pep-de-risco>. Acesso em: 10 de agosto. 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Saúde sexual e saúde reprodutiva**. Brasília: Ministério da Saúde, 2013. Disponível em: http://bvsmis.saude.gov.br/bvs/publicacoes/saude_sexual_saude_reprodutiva.pdf. Acesso em 07 set. 2020.

CARLETO, A.P.; FARIA, C.S.; MARTINS, C.B.G.; SOUZA, S.P.S.; MATOS, K.F. Conhecimentos e práticas dos adolescentes da capital de Mato Grosso quanto às DST/AIDS. **DST J Bras Doenças Sex Transm**, v.22, n.4, p.206-11, 2010. Disponível em: <http://www.dst.uff.br/revista22-4-2010/7%20-%20Conhecimentos%20e%20praticas%20de%20adolescentes%20de%20Mato%20Grosso.pdf> . Acesso em 22 de junho de 2020.

CARVALHO, G.R.O.; PINTO, R.G.S.; SANTOS, M.S. Conhecimento sobre as infecções sexualmente transmissíveis por estudantes adolescentes de escolas públicas. **Rev. Adolesc. Saúde (Online)**, v. 15, n. 1, p. 07-17, 2018. Disponível em <https://cdn.publisher.gn1.link/adolescenciaesaude.com/pdf/v15n1a02.pdf>. Acesso em 22 de junho de 2020.

CRUZ, L.Z.; ANDRADE, M.S.; PAIXÃO, G.P.N.; SILVA, R.S.; MACIEL, K.M.N.; FRAGA, C.D.S. Conhecimento dos adolescentes sobre contracepção e infecções sexualmente transmissíveis. **Adolesc. Saude**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 2, p. 7-18, 2018. Disponível em: <https://cdn.publisher.gn1.link/adolescenciaesaude.com/pdf/v15n2a02.pdf> Acesso em: 18/06/20.

FREIRE P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

FREITAS, J. L. G.; PEREIRA, P. P. S.; MOREIRA, K. F. A.; SILVA, A. D. Prevalência do não uso de preservativo entre universitários e pós-graduandos de uma universidade pública do Norte do Brasil. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, n. 25, p. e751, 2019. <https://doi.org/10.25248/reas.e751.2019>

KORENROMP, E.L.; ROWLEY, J.; ALONSO, M.; MELLO, M.B.; WIJESOORIYA, N.S. et al. Global burden of maternal and congenital syphilis and associated adverse birth outcomes - Estimates for 2016 and progress since 2012. **PLOS ONE**, v.14, n.7, p.e0219613, 2019. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0219613>

NUNES, B. K. G.; GUERRA, A. D. L.; SILVA, S. M.; GUIMARÃES, R. A.; SOUZA, M. M. DE; TELES, S. A.; MATOS, M. A. DE. O uso de preservativos: a realidade de adolescentes e adultos jovens de um assentamento urbano. **Rev. Eletr. Enf.**, v. 19, p.a03, 2017. <https://doi.org/10.5216/ree.v19.39041>.

OSIS, M.J.D; DUARTE, G.A; SOUSA, M.H. Conhecimento e atitude de usuários do SUS sobre o HPV e as vacinas disponíveis no Brasil. **Rev. Saúde Pública**, São Paulo, v. 48, n. 1, p. 123-133, 2014. <https://doi.org/10.1590/S0034-8910.2014048005026>.

PROVENZANO, S.; SANTANGELO, O. E.; TERRANOVA, A.; D'ANNA, G.; GRIGIS, D.; FIRENZE, A. Investigate the sexual habits of young people: a cross-sectional study among nursing students of the University of Palermo. **Acta Bio Medica Atenei Parmensis**, v. 91, n. 2-S, p. 50-57, 2020. <https://doi.org/10.23750/abm.v91i2-S.8556>.

SALES, W.B.; CAVEIÃO, C.; VISENTIN, A.; MOCELIN, D.; COSTA, P.M.; SIMM, E.B. Comportamento sexual de risco e conhecimento sobre IST/SIDA em universitários da saúde. **Rev. Enf. Ref.**, Coimbra, v. serIV, n. 10, p. 19-27, 2016. <http://dx.doi.org/10.12707/RIV16019>.

SANTOS, V.P.; COELHO, M.T.A.D.; MACÁRIO, E.L.; OLIVEIRA, T.C.S. Existe relação entre o conhecimento de estudantes a respeito das formas de contágio do HIV/AIDS e suas respostas sobre a proximidade com soropositivos? **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 8, p. 2745-2752, 2017. <http://dx.doi.org/10.1590/1413-81232017228.25892015>.

SPINDOLA, T.; OLIVEIRA, C.; SANTANA, R.; SODRÉ, C.; ANDRÉ, N.; BROCHADO, E. Sexual Practices, Knowledge and Behavior of College Students Regarding Sexually Transmitted Diseases. **Revista de Pesquisa: Cuidado é Fundamental Online**, [S.l.], v. 11, n. 5, p. 1135-1141, 2019. <http://dx.doi.org/10.9789/2175-5361.2019.v11i5.1135-1141>.

MARANHÃO, T.A.; GOMES, K.R.O.; OLIVEIRA, D.C.; MOITA NETO, J.M. Repercussão da iniciação sexual na vida sexual e reprodutiva de jovens de capital do Nordeste brasileiro. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 12, p. 4083-4094, 2017. <http://dx.doi.org/10.1590/1413-812320172212.16232015>.

UNESCO - United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization. **International technical guidance on sexuality education: An evidence-informed approach**. Revised edition. Paris: UNESCO, 2018. Disponível em: https://www.unaids.org/sites/default/files/media_asset/ITG-SE_en.pdf. Acesso em: 09 de set. 2020.

VISALLI, G.; COSENZA, B.; MAZZÙ, F.; BERTUCCIO, M. P.; SPATARO, P.; PELLICANÒ, G. F.; DI PIETRO, A.; PICERNO, I.; FACCIOLÀ, A. Knowledge of sexually transmitted infections and risky behaviours: a survey among high school and university students. **J Prev Med Hyg**, v.60, n.2, p.E84-E92, 2019. <https://doi.org/10.15167/2421-4248/jpmh2019.60.2.1079>.

WHO - World Health Organization. **Global health sector strategy on sexually transmitted infections 2016–2021: towards ending STIs**. Geneva: World Health Organization, 2016. Disponível em: <https://www.who.int/reproductivehealth/publications/rtis/ghss-stis/es/>. Acesso em: 12 de maio de 2020.

WHO - World Health Organization. **HIV/AIDS** [homepage]. Geneva: WHO, 2020. Disponível em: <https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/hiv-aids>. Acesso em: 13 mai. 2020.

WHO - World Health Organization. **Sexually transmitted and other reproductive tract infections**. Geneva: WHO; 2005. Disponível em: <https://www.who.int/reproductivehealth/publications/rtis/9241592656/es/>. Acesso em: 12 de maio de 2020.

WHO - World Health Organization. **WHO publishes new estimates on congenital syphilis**. Geneva: WHO, 2019. Disponível em: <https://www.who.int/reproductivehealth/congenital-syphilis-estimates/en/>. Acesso em: 13 mai. 2020.

Recebido em 11 de novembro de 2020.

Aceito em 23 de agosto de 2021.